

## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

### **UNIVERSIDADE E SOCIEDADE: UM ESTUDO DESCRITIVO DA INSERÇÃO UNIVERSITÁRIA EM ESPECIAL DAS MULHERES NO BRASIL.**

***UNIVERSITY AND SOCIETY: AN INSERT DESCRIPTION STUDY UNIVERSITY WITH  
SPECIAL WOMEN IN BRAZIL.***

**Eliana Cristina Rosa**

#### **RESUMO**

A universidade tem como missão e compromisso ser ética nas suas ações, com responsabilidade social, articulando-se com os setores da sociedade civil, com vínculo tecnológico, governamental e científico. Estudar questões sociais propicia o entendimento dentro do contexto social, visualizando como nossas raízes e antepassados pensaram um mundo melhor para as gerações futuras. A pesquisa apresenta como objetivo a proposta de estudar e compreender a inserção da população em especial da mulher na universidade, com seu histórico e as ações governamentais ao longo do tempo, caracteriza-se na forma de um estudo de caso exploratório bibliográfico e descritivo, trabalhamos com base na pesquisa bibliográfica e documental, a qual nos direcionou a uma análise desta inserção ao longo do tempo. A justificativa da pesquisa repousa no indicativo de fundamentar novas pesquisas, como forma de compreender como o país registra em seu contexto, a trajetória de adequação escolar a população, principalmente para o gênero feminino. Observamos que o país na última década teve como meta a inserção da população à sonhada universidade com um olhar para as classes menos favorecidas, um caminho ainda árduo no que se refere a educação, com atenção ao equilíbrio sexual, étnico e racial.

**Palavras chave:** Universidade; Inserção; Mulher.

#### **ABSTRACT**

The university's mission and commitment to be ethical in their actions, with social responsibility, linking up with the sectors of civil society, technological, governmental and scientific ties. Studying social issues provides the understanding within the social context, visualizing how our roots and ancestors thought a better world for future generations. The research has the objective of the proposed study and understand the insertion of the population particularly of women in the university, with its historical and government actions over time; is characterized as a study of bibliographic exploratory case and

## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

descriptive work based on bibliographical and documentary research, which directed us to an analysis of this integration over time. The justification of the research lies in indicative support new research, in order to understand how the country records in context, the trajectory of fitness for school population, especially for females. We observe that the country in the last decade had as its goal the inclusion of the population to dream university with a look at the lower classes, even hard way when it comes to education, with attention to balance sexual, ethnic and racial.

**Keywords:** University; Integration; Woman.

### **1. INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa estuda a inserção da população na universidade, com destaque para o histórico da inserção educacional do público feminino, seguindo os vieses que tratam de políticas públicas, programas governamentais e lutas do gênero feminino na inserção à universidade no Brasil. O objetivo da proposta é compreender como ocorreu esta inserção na universidade, de que forma as ações governamentais foram implementadas ao resgate social e educacional da população.

O Brasil registra uma trajetória de adequação escolar a população, estudar questões sociais nos propicia o entendimento de nosso contexto social. As publicações científicas que nortearam a pesquisa e a metodologia de estudo de caso exploratório e descritivo, possibilitou trabalharmos com base na pesquisa bibliográfica e documental, a qual nos direcionou a uma análise da inserção universitária, pois a pesquisa bibliográfica pode ser elaborada como um trabalho em si mesmo, (RODRIGUES,2006). A pesquisa bibliográfica não pode ser reduzida a uma mera repetição do que foi dito ou escrito sobre certo assunto e sim propiciar o exame do tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras, pela organização do material estudado, segundo as tendências ou versões com que o assunto é abordado.

Lakatos e Marconi (1991, p.183) ressaltam que pesquisa bibliográfica é todo estudo realizado com documentos ou fontes secundárias, e abrange toda bibliografia tornada pública em relação ao tema em estudo - desde publicações avulsas, boletins,

## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico e outros, além de meios de comunicações orais, como rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais como filmes, televisão e internet. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que já foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto.

Desta forma após a escolha e delimitação do tema, traçamos um plano de trabalho, com discriminação das ações a serem desenvolvidas e cronograma de execução. A coleta do material iniciou-se através de pesquisa na internet, livros e revistas, sendo catalogados quarenta e oito publicações, através de seleção dos resumos, dos títulos dos artigos e posteriormente da leitura na íntegra dos textos que subsidiaram o referido trabalho, com um total de quinze publicações que compõem o corpo da referida pesquisa, traçando seu histórico de inserção educacional e culminando com a realidade presente de nosso país, (ROSA, SAÚDE, 2008).

### **2. A universidade como formação e transmissão do conhecimento.**

A universidade no Brasil apresenta uma trajetória de elites, as quais buscavam na Europa a realização de seus estudos, na época o país não apresentava uma educação que atendesse aos anseios desta classe. O histórico mostra uma exclusão social expressiva, principalmente na classe feminina ao longo das décadas, (MOTTA, 2014).

Por mais de um século, tentativas de implantação de universidades no país foram sem êxito e todos os esforços em prol da criação das universidades desde o período colonial e monárquico foram sem sucesso. Portugal como colonizadora exerceu grande influência na formação das elites no país.

Somente no ano de 1808, foi iniciado o curso médico em cirurgia no estado da Bahia e no mesmo ano foi criado o hospital militar no Rio de Janeiro, um curso para as elites da época.

Conforme Fávero (2006, p.28), [...] na história da educação superior brasileira, a Universidade do Rio de Janeiro é a primeira instituição

## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

universitária criada legalmente pelo Governo Federal. Não obstante todos os problemas e incongruências existentes em torno de sua criação têm um aspecto que não poderá ser subestimado, sua instituição teve o mérito de reavivar e intensificar o debate em torno do problema universitário no país.

O Brasil no decorrer de sua história educacional apresenta transformações constantes, com o intuito da valorização do ensino de suas instituições, pautado nas diretrizes curriculares e na sua autonomia institucional, com seus estatutos, conselhos, diretórios, dentre outros, se adequando ao momento vivido. Na fala de Fávero (2006, p.17) “É parte normal de uma situação histórico-social em que a atuação conservadora se acha ameaçada e é compelida a assumir o controle político dos processos de modernização cultural e de inovação institucional”, (FERNANDES, 1974, Apud FAVERO, 2006). Na década de cinquenta, o ritmo de desenvolvimento no país com a industrialização e o crescimento econômico, propiciou muitas transformações, dentre elas a tomada de consciência em relação à precarização que as universidades do Brasil enfrentavam na época, neste período o governo era militar e centralizador, com o princípio de autoridade nas instituições de ensino, (FAVERO, 2006).

Após décadas da história educacional, o Brasil apresenta transformações constantes, com a meta de vínculo tecnológico e científico. As universidades buscam a expansão das matrículas no ensino universitário, através das políticas públicas e a inserção das classes menos favorecidas.

O governo na última década investiu nesta inserção através de projetos educacionais de financiamentos aos alunos em cursos universitários, como: bolsas de estudos, o Prouni, FIES, dentre outros programas, ampliando o acesso à educação superior com uma mudança no perfil universitário, (WEBER,1992).

Neste sentido, temos a fala de Biagini (2000, p.70), “La autonomia no constituye un valor absoluto como a veces se la há presentado, pues ella adquiere su legitimación mientras la Universidad contribuya a promover El conocimiento y se brinde satisfactoriamente a la comunidad[...], (MARGETIC e SUÁREZ,2006)

## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

### **3. A inserção da mulher no universo educacional e universitário.**

O histórico consta uma novidade no ano letivo de 1883, o médico Candido Barata Ribeiro, solicitou a matrícula para suas duas filhas, Cândida e Leonor no primeiro ano de ensino, sendo assim autorizado ao reitor, admitir no externato “alunos do sexo feminino”. Na época aproveitaram-se da concessão, Maria Julia Picanço da Costa, Olynpia e Zulmira de Moraes Kohn e posteriormente também professoras municipais buscaram o ingresso educacional.

No ano de 1885, a escola dispunha de quinze alunas matriculadas e cinco ouvintes, porem no final do ano letivo o ministro Mamoré vetou a admissão de novas alunas no Externato, alegando que o orçamento não dispunha de verba para contratar uma inspetora de alunas, pois o reitor havia solicitado a presença desta profissional para acompanhar as alunas nas dependências da escola.

Desta forma sem a inspetora, as alunas foram encaminhadas para a Escola Normal e para o Liceu de Artes e Ofícios, o qual dispunha de curso de ofícios para o sexo feminino, considerado mais apropriado para as alunas e até o ano de 1926 a instituição permaneceu exclusiva do sexo masculino.

No decorrer do ano de 1926 através de um dispositivo dado pelo Diretor Geral do Departamento Nacional de Ensino, foi possível o ingresso de uma aluna de nome, Yvone Monteiro da Silva, na época com apenas 17 anos e iniciou no ano posterior seus estudos, abrindo novamente as portas para o sexo feminino<sup>1</sup>.

Segundo Octacílio A. Pereira (1937, p.14) Apud Bonato (2014, p.4), [...] em 1927, encontravam-se matriculadas no externato 27 (vinte e sete) meninas e 717 (setecentos e dezessete) meninos. Número que foi crescendo ao longo do tempo. Assim em uma década, o contingente de alunos matriculados era composto de 1.857 do sexo masculino e 639 do sexo feminino, num total de 2.496 aluno.

---

<sup>1</sup> A presença feminina no Colégio Pedro II representou, entre outras coisas, o atendimento de uma das reivindicações das camadas médias da sociedade e de parte do movimento feminista que se constituía na década de vinte, conforme documentos da Conferência pelo Progresso Feminino, realizada no Rio de Janeiro, naquela década (BONATO,2014).

## Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

O universo feminino em seu histórico buscou através dos movimentos femininos o resgate social e a afirmação política na sociedade<sup>2</sup>. A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino se apresenta de extrema relevância na organização de três congressos feministas nas décadas de 1920 e 1930, na cidade do Rio de Janeiro, conforme visualizamos na imagem a reunião da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, nos anos de 1920, na época a entidade deu suporte às reivindicações das mulheres.



Fonte: <http://www.faperj.br/?id=2748.2.6>

Jornais da época relatam que a União Universitária Feminina foi convocada formalmente no ano de 1937 para a criação do UNE- União Nacional dos Estudantes.

Após mais de três décadas no ano de 1961 a Federação passou a se chamar Associação Brasileira de Mulheres Universitárias, quando as mulheres ingressavam no

---

<sup>2</sup> Embora o ensino superior estivesse presente no Brasil desde 1808, com a vinda da família real, somente com a Reforma do Ensino Primário e Secundário do Município da Corte e o Superior em todo o Império instituída pelo Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, e que ficou conhecida como Reforma Leônicio de Carvalho a mulher passou a ter esse direito citado, contextualizou. E foi além: A primeira mulher brasileira a possuir um diploma de ensino superior foi Maria Augusta Generoso Estrela, que se graduou em Medicina no ano de 1882, porém nos Estados Unidos, não no Brasil. Desta forma, em 1887, Rita Lobato Velho Lopes (1867-1954) se torna a primeira mulher a se graduar no País na Faculdade de Medicina da Bahia, embora tenha iniciado seus estudos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e depois, por motivos familiares, se transferido para a faculdade em que se formou, (MOTTA, 2014).

## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

curso superior era oferecido o chá das calouras e na conclusão do curso era oferecido o chá da vitória. No século XX uma das mulheres mais significativas da educação e do feminismo no Brasil foi Bertha Lutz, sufragista e líder do movimento pela inclusão acadêmica feminina, grande pesquisadora,<sup>3</sup> a trajetória feminina em nosso país seguiu a passos curtos, com alguns valores de igualdades fomentados nas últimas décadas<sup>4</sup>.

Conforme Ristoff (2012, p.34), “Durante toda a última década três observações fazem-se necessárias: (1) as mulheres são maioria absoluta na graduação brasileira, com 57% do total de matrículas [...], a representação feminina no campus tem-se estabilizado em torno de 57% desde 2002”.

#### **4. A mulher, a universidade, a ciência e o gênero.**

Hoje, após uma longa jornada, a mulher ocupa cargos que eram exclusivamente masculinos, em várias áreas, porém ainda com salários inferiores aos dos homens que ocupam os mesmos cargos e são majorias em carreiras e profissões com menor prestígio no mercado de trabalho.

Na fala de Yannoulas (2007, p.4), [...] cabe afirmar que a discriminação das mulheres no âmbito acadêmico e profissional mudou de direção: a discriminação não se efetua mais pela limitação no ingresso, mas pelas relações de transferência estabelecidas no meio acadêmico. E essa discriminação continua fundamentada naqueles valores e modelos femininos da vida e do mundo privado.

---

3 Uma das figuras mais significativas do feminismo e da educação no Brasil do século XX, Bertha Maria Julia Lutz (1894-1976) era filha da enfermeira inglesa Amy Fowler e do cientista e pioneiro da medicina tropical Adolfo Lutz. Tornou-se bióloga, formada pela Sorbonne em 1918, com especialização em anfíbios. É considerada a segunda mulher a ingressar no serviço público federal do País, como pesquisadora do Museu Nacional, no Rio. A primeira teria sido a diplomata Maria José Rabelo Castro Mendes, admitida em 1918 no Itamaraty, (MOTTA, 2014). ”

4 A discriminação manifesta, ou seja, a exclusão das mulheres das cátedras e das academias, não se explicitaria hoje como anteriormente, dado que nossas sociedades primam o valor da igualdade (ao menos no discurso jurídico-formal). Sem dúvida, as mudanças sociais são lentas e persistem formas encobertas e parciais de discriminação sexual, (YANNOULAS,2007).

## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

Quando falamos da presença da mulher na universidade e na ciência, temos que citar a institucionalização dos núcleos de estudo da mulher, os estudos feministas, o estudo de gênero e as relações de gênero nas universidades. Sendo o gênero um fator importante para a investigação científica o qual proporciona o resgate do real, constituindo desta forma a identidade dos saberes, uma relação enfrentada não somente em nosso país, mas sim em todo o mundo, (YANNOULAS, 2007).

Conforme a fala de Yannoulas (2007, p.3), A prolongada luta das mulheres pela educação superior e pela sua inserção nas academias europeias teve como contexto inicial originário a denominada “Querrelha das Mulheres”, que foi o primeiro debate documentado entre homens e mulheres sobre a natureza e o valor das mulheres na sociedade. Iniciada na França, esta “Querrelha” logo se ampliou a toda Europa. No início, não se debatia a igualdade dos homens e das mulheres; mas as mulheres, sim, discutiam a visão masculina da identidade feminina, e reivindicavam o acesso ao saber legitimado: as posições mais essencialistas argumentavam que era necessário permitir o acesso das mulheres ao saber legitimado para que melhor cumprissem suas funções específicas; enquanto as posições mais racionalistas entendiam que as mulheres tinham capacidades semelhantes às dos homens e condições de acesso ao dito conhecimento.

Neste universo conflituoso para a mulher no campo da universidade, os estudos nos mostram que a inserção da mulher na universidade é um fato real, porém com outros vieses a serem tratados, pois observa-se uma grande tendência de alunas universitárias em cursos vinculados aos serviços, como as profissões nas áreas de comunicação, educação, humanidades e saúde. As carreiras vinculadas a produção, como as ciências agropecuárias e as engenharias são fortemente ocupadas pelo sexo masculino, estão ambos no mesmo espaço universitário com percursos ocupacionais heterogêneos, (YANNOULAS,2007).

A fala de Motta (2014), reforça esta inserção e a mudança no perfil universitário:



## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

Na fala de Motta (2014, p.1), Uma recente mudança no perfil dos alunos dos cursos superiores no País aponta para uma conquista social, a maioria do corpo discente das graduações brasileiras é do sexo feminino, dados do último Censo da Educação Superior, de 2012, coletados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), reafirmam que o universo acadêmico registra maior número de matrículas de mulheres, em cursos de graduação presenciais. Em todo o Brasil, são 3.286.415 matrículas femininas, contra 2.637.423 masculinas.

Conforme podemos ver a inserção na universidade pelo sexo feminino é positiva e fato real, porém as pesquisas nos direcionam para a necessidade de debater a distribuição de gênero nos cursos universitários e o tipo de poder acadêmico de mulheres e homens nas universidades, dentre outros espaços públicos como: produção, circulação e apropriação de saberes, no caminho de garantir a equidade de gênero e a real inserção da mulher, não com o intuito de resgate, mas sim com o compromisso de desenvolvimento educacional, (ver YANNOULAS, 1994)<sup>5</sup>.

A fala de Yannoulas (2007, p.8), em consonância com o pensamento de Tabak (2002) “Destaca que ainda são escassos os esforços intencionais e sistemáticos para ampliar a presença feminina na massa crítica de pesquisadores que atuam em áreas decisivas para o avanço científico e tecnológico”.

### **5. Considerações Finais**

Como demonstrou o estudo, as mulheres na atualidade são maioria dentro do espaço da universidade, compreendemos que o resgate social ao longo das décadas se mostrou efetivo por parte do governo e suas políticas públicas de inserção da sociedade em geral, as “políticas de redistribuição”, que se caracteriza como “políticas de reconhecimento”, no que se refere às representações e gêneros. Como sendo um estudo em desenvolvimento do pesquisador, nos interessa conhecer a construção sócio cultural e

---

<sup>5</sup> É necessário ressaltar que nossos resultados de pesquisa bem como os de TABAK (2002) referem-se ao Governo FHC, e que no Governo Lula foram iniciadas algumas tentativas para incluir esse tipo de mecanismo afirmativo, com bolsas e premiações especialmente orientadas a estimular o desempenho das estudantes universitárias e cientistas (ver Portal da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres), (YANNOULAS,2007).

## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

social de nossa sociedade em especial das mulheres, seu histórico, suas lutas e conquistas no universo educacional.

Conforme vimos o direito e o acesso ao ensino foi por muito tempo exclusivo do sexo masculino e se faz necessário aprofundar nas questões citadas no texto referente a outras necessidades da atualidade como: o acesso a cursos que ainda se mantém quase que totalmente ocupado por homens, seus entraves e dificuldades ao pleitear e se manter nos referidos cursos vinculados à produção, como no caso das engenharias, adentrar ao universo dos pesquisadores (na ciência). Desta forma não tivemos a intenção de concluir o assunto e sim estimular novas pesquisas a fundamentar as questões sociais, de gênero, de políticas públicas, dentre outros vieses inseridos na vida educacional e política de nosso país nas universidades.

### **6. Referências**

BIAGINI, H. **La reforma universitária. Antecedentes y consecuentes. Leviatán.** Buenos Aires, 2000.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. **A PRESENÇA FEMININA NO COLÉGIO PEDROII.** Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0541.pdf>. Unirio. 2014. Acesso em :08/04/2015.

CARA, Daniel. **Lei das Cotas, vitória da sociedade civil.** DEMOCRATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: avanços e desafios. Cadernos do GEA. – n.1 (jan./jun. 2012). – Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP, 2012.

FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. **A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968.** Educar, Curitiba, Editora UFPR 17n. 28, p. 17-36, 2006.

## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3.ed. ver. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991. 270 p. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/praetece/lakatos-marconi-fundamentos-de-metodologia-cientifica>. Acesso em: 08/04/2014.

MARGETIC,Alejandro.SUÁREZ,Valeria. **La función social de la universidad pública: análisis comparativo de los estatutos de las universidades nacionales**. Remédios de escalada.ediciones de la UNLa, 2006.

MOTTA, Débora. **Pesquisa analisa a trajetória de inserção das mulheres no ensino superior**. FAPERJ. 2014. Disponível em:<http://www.faperj.br/?id=2748.2.6>. Acesso em :08/04/2014.

PINTO, Giselle. **Gênero, raça e pós-graduação: um estudo sobre a presença de mulheres negras nos cursos de mestrado da Universidade Federal Fluminense**. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense. 2007.

ROSA, Eliana Cristina.SAÚDE, Maria Isabel Moreira. **Telecentros Comunitarios e Qualidade de Vida**. Universidade Federal do Triângulo Mineiro.Uberaba MG. 2008.

ROMERO, Sonia Mara Thater; FINAMOR, Ana Lígia Nunes. **As questões de gênero no ensino de graduação em administração: o caso de uma universidade privada do Rio Grande do Sul, Brasil**. Educação (UFSM), v. 32, n. 1, 2007.

RISTOFF,Dilvo. **Perfil socioeconômico do estudante de graduação uma análise de dois ciclos completos do enade (2004 a 2009)**. Cadernos do GEA. – n.4 (jul./dez. 2013). – Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP, 2012.

## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

RISTOFF, Dilvo. **Vinte e um anos de educação superior expansão e democratização.** Cadernos do GEA. – n.3 (jan./jun. 2013). – Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP, 2012.

UNISUL. **Metodologia para elaboração e aplicação de projetos: livro didático.** 2 ed. rev. e atual. Palhoça: Unisulvirtual, 2007.

YANNOULAS, Silvia Cristina. **"Mulheres e ciência."** *Série Anis, Brasília.* 2007.

WEBER, Silke. **A produção recente na área da educação.** cad. Pesq. São Paulo. n°81. 1992.